

ALGUMAS MEDIDAS LINEARES MEDIIEVAIS PORTUGUESAS o astil e as varas

por
Mário Viana *

A ideia de «caos» aplicada aos antigos sistemas de pesos e medidas é, de certa maneira, a projecção inconsciente do estado larvar da nossa metrologia histórica. Não dispomos de nenhum estudo de base, mas tão só de algumas memórias oitocentistas, das muitas notícias agrupadas por Henrique da Gama Barros¹, do conhecido artigo de A. H. de Oliveira Marques, “Pesos e medidas”, publicado no *Dicionário de História de Portugal*², no qual se delegam em geral as responsabilidades na matéria, e mais recentemente de um estudo de Mário Jorge Barroca³.

O astil, do latim *hasta*, termo designativo da parte lenhosa da lança⁴, é uma pequena parte do vasto e diversificado património metroló-

* Departamento de História, F.C.S., Universidade dos Açores.

¹ *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, 2ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, s. d., tomo 10, pp. 13-115 (1ª ed., 1922, tomo 4).

² Ed. Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, s/d., vol. 5, pp. 67-72 (1ª ed. 1963-1971).

³ “Medidas-padrão medievais portuguesas”, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, 2ª série, 9 (1992), pp. 53-85.

⁴ «Astiis», nos *Costumes de Santarém (Portugalia Monumenta Historica. Leges et consuetudines*, ed. Alexandre Herculano, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1868, vol. 2, pp. 18-35, a p. 34). Em italiano, o termo *hasta* deu *astile* (Carlo Battisti e Giovanni Alessio, *Dizionario etimologico italiano*, Firenze, G. Barbèra, Editore, 1950, tomo 1), no francês aparece medievalmente documentado como medida agrária sob a forma *haste* (Frédéric Godefroy, *Dictionnaire de l'ancienne langue française et tous ses dialectes du IXe au XVe siècle*, Genève - Paris, Slatkine, 1982, vol. 1), e o espanhol tem por *astil* o “mango de madeira de las azadas, picos y herramien-

gico que o passado nos legou. Como medida agrária linear, apropriada à estima de parcelas alongadas, encontramos-a, na Idade Média, nos campos de Santarém, essencialmente entre a Valada e a Golegã, bordejando o Tejo, em terras de pão e vinhas, e também em olivais⁵. As primeiras dimensões em astis, do século XIII, indicam apenas a dimensão largura (ou «largo»)⁶, provavelmente porque nessa época o parcelamento transversal dos aluviões do Tejo permitia em geral uma fácil delimitação, nas testadas das parcelas e no sentido do seu comprimento (ou «longo»), por caminhos, cursos de água, valados e canaviais, importando sobretudo determinar-lhes a largura, sentido em que podiam aumentar com maior naturalidade. O valor métrico decimal do astil (5,5 m) foi já indicado por Maria Ângela Beirante⁷, com o qual concordo, e consiste, no fundo, no quintuplo da vara, uma das medidas padrão medievais portuguesas. A interpretação do astil como múltiplo da vara, confirmada documentalmente, coincide com a informação de que uma vara «de craveira» tem cinco palmos⁸, e ambas com Joaquim de Santa Rosa de Viterbo que em finais do século XVIII atribuiu ao astil “vinte e cinco palmos craveiros”⁹.

A expressão «de craveira» introduz o problema que me proponho aqui solucionar, que é a existência de dois tipos de vara, facilmente distintos na documentação de Santarém: de medir pano (de linho)¹⁰, e de craveira, sendo

tas semejantes" (María Moliner, *Diccionario de uso del español*, Madrid, Editorial Gredos, s/d. [1975], vol. 1). No português, uma sobrevivência curiosa do termo encontra-se em *Maria Salomé*, novela beirã de Aquilino Ribeiro: "[o] sol que desembainhava os hastis do milho".

⁵ Cf., por exemplo, ANTT, *Colegiada de Santa Iria de Santarém*, liv. 5, fls. 13-15.

⁶ Vejam-se, nomeadamente, as referentes às herdades da igreja da Alcáçova de Santarém, de cerca de 1265 (Avelino de Jesus da Costa, "Inventário dos bens e obituário de Santa Maria da Alcáçova de Santarém", *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 36 (1981), pp. 1-30).

⁷ Cf. *Santarém medieval*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1980, p. 186, nota 57 (onde lhe chama "medida de superfície") *Santarém quinhentista*, Lisboa, s/edt., 1981, p. 1 e 11, nota 3 (onde lhe chama "medida linear").

⁸ Maria Ângela Beirante, *Santarém quinhentista*, cit., p. 11, nota 3, documento do mosteiro de Santa Clara de Santarém, citado sem data, nem cota.

⁹ *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, ed. Mário Fiúza, Porto - Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1983, s. v. "astil". Nos campos do Mondego a aguilhada funcionaria como outro quintuplo da vara.

¹⁰ Por exemplo, Biblioteca Municipal de Santarém, K255, fls. 5v., 8v., 11v. (1479).

estas últimas maiores¹¹. O facto, que se confirmava ainda em 1857, nas palavras do inspector dos pesos e medidas do distrito de Santarém, Joaquim José da Graça¹², parece ter sido esquecido, ou ignorado, pelas memórias que nesse século se escreveram sobre os pesos e medidas antigos, limitando-se a apresentar e justificar o novo sistema métrico decimal¹³, ou, quando acometidas por pruridos históricos, remetendo o leitor para o domínio das antiguidades greco-latinas¹⁴. Posteriormente, segundo creio, só Henrique da Gama Barros, na sua bem nutrida *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, chamou a atenção para o assunto¹⁵, obliterado daí em diante por outros autores, como A. de Sousa Silva Costa Lobo¹⁶.

Gama Barros deu exemplos de cada tipo, inclusivamente daquelas “sem declaração sobre a espécie” a que pertencem¹⁷. A lógica aconselha a considerar as varas maiores adequadas aos prédios rústicos e as varas menores aos urbanos, mas pode encontrar-se o mesmo tipo de varas aplicado a prédios de diferente natureza¹⁸, pelo que a falta de declaração sobre a espécie pode revestir de incerteza as conversões a efectuar.

O atrás exposto leva-me a propor que o valor normalmente atribuído à vara (1,1 m) na Idade Média tenha a sua correspondência coeva na vara

¹¹ ANTT, *Núcleo Antigo*, nº 275, fl. 88, em 1502: “E foram mididas per vara de craueira que he mayor que vara de midir pano” (devo ao professor doutor Manuel Sílvio Alves Conde o favor de me ter chamado a atenção para esta documentação).

¹² As “varas do *astim* são maiores do que as varas do commercio” (*Diário do Governo*, Lisboa, nº 236, de 1857 Out. 7, p. 1319).

¹³ Cf. Sebastião Francisco de Mendo Trigo, “Memória sobre os pesos e medidas portuguesas, e sobre a introdução do sistema metro-decimal”, in *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1815, tomo 5 (utiliza-se a nova ed., Lisboa, Banco de Portugal, 1991, pp. 253-305).

¹⁴ Cf. António Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, *Memória sobre os pesos e medidas de Portugal, sua origem, antiguidade, denominação e mudanças que têm sofrido até nossos dias*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1833.

¹⁵ Cit., tomo 10, p. 86.

¹⁶ *História da sociedade em Portugal no século XV*, 2ª ed., Lisboa, Edições Rolim, 1984, p. 256.

¹⁷ *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, cit., tomo 10, p. 86 e nota 2.

¹⁸ É o que acontece num tomo de 1508, publicado por Isaías da Rosa Pereira (“O hospital do Espírito Santo da vila da Castanheira”, *Do Tempo e da História*, Lisboa, 4 (1971), pp. 53-95).

de craveira, de acordo com a expressão "estil de craueira da camara da dicta villa" (Santarém)¹⁹.

Por outro lado, na Golegã, em 1502, encontra-se um conjunto de informações sobre o astil que mostra as variadas formas de o medir, como sejam varas de medir pano, côvados (de medir pano e de «braço de homem») e palmos craveiros. Os valores encontrados oscilam entre os 3,67²⁰ e os 5,5 m, e o facto de as peculiaridades do astil se acharem circunscritas aos campos da Golegã autoriza a pensar que fora deles predominaria este último valor como padrão.

Figura 1
Valores do astil na Golegã (inícios do século XVI)

Valor documentado	Equivalência no sistema métrico decimal (m)	Fonte
20 palmos craveiros	4,400	Sant. quinhentista, p. 11, n. 3.
24 palmos craveiros	5,280	ibidem.
6 varas de medir pano	5,499	N. Antigo, nº 275, fl. 86.
6 côvados 2/3 de medir pano	3,666	ibidem, fls. 17-18v.
8 côvados de medir pano	4,400	ibidem.
12 côvados braço de homem	?	ibidem, fl. 26 e v.

Uma das informações faz o astil valer seis varas de medir pano, o que estabelecendo uma equivalência com o astil de cinco varas craveiras valendo 5,5 m, dá um valor de pouco menos de um metro para a vara de medir pano (0,9166 m). Temos, deste modo, a oportunidade de reelaborar dois antigos sistemas de medidas lineares: o sistema de craveira e o sistema de medir pano (ou “comercial”):

¹⁹ ANTT, *Núcleo Antigo*, nº 275, fl. 33v. (1502).

²⁰ Um dos locais da Golegã onde se regista este valor denomina-se Rossios Curtos. Segundo Joaquim José da Graça, em 1857, os valores do astil oscilavam entre 4,34 e 5,60 m, sendo o mais baixo destes números pertencente à Golegã (*Diário do Governo*, Lisboa, nº 308, de 1857 Dez. 31).

Figura 2
Medidas lineares medievais reduzidas ao sistema métrico decimal

Unidade	Sistema de craveira	Sistema de medir pano
palmo	0,220	0,183
côvado	0,660	0,550
vara	1,100	0,917
braça	2,200	1,833
astil	5,500	-
bragal	-	6,416
lenço	-	12,83

Os sistemas de craveira e de medir pano consistem num conjunto de múltiplos e submúltiplos da vara, divisíveis ou multiplicáveis pelos números 2, 3, 5 e 10, a que se acrescenta o côvado (0,66 ou 0,55 m). A conversão de um sistema a outro é fácil no caso desta última medida, dado que dois côvados de medir pano equivalem uma vara de craveira. O número 4, ausente em ambos, é um divisor ou multiplicador das medidas de capacidade (por exemplo, um tonel tem 4 quartos, uma canada 4 quartilhos, um moio 4 quarteiros, um alqueire 4 quartas, etc.).

Curiosamente, na ilha açoriana de S. Miguel, no século XVI, a braça de craveira tomava o nome de «vara pequena de 10 palmos» (10x0,22m=2,2m)²¹, coexistente com uma «vara grande», ou seja, de 12 palmos²², que, a serem de medir pano, tornariam esta última equivalente à

²¹ Exemplos em Urbano de Mendonça Dias, *Instituições vinculares. Os morgados das ilhas*, Vila Franca do Campo, Tipografia de «A Crença», 1941, p. 155 (“braça de craveira que são duas varas de medir” - Lagoa, em 1511), e *A vila*, s. l., ed. do autor, 1916, vol. 2, p. 45 (“vara do Concelho que é a vara pequena de 10 palmos” - terra sita na Ribeira Grande, em 1579). Cf. João Marinho dos Santos, *Os Açores nos séculos XV e XVI*, s. l., Secretaria Regional da Educação e Cultura - Universidade dos Açores, 1989, vol. 1, p. 270 (quadro I).

²² Urbano de Mendonça Dias, *A vila*, cit., vol. 2, p. 22 (“vara grande do Concelho” - terra sita em Rabo de Peixe - 1552), 29 (“vara de 12 palmos” - terra em Ponta Garça - 1556), 39 (idem - Vila Franca do Campo - 1572), 54 (idem, Hortas, arrabalde de Vila Franca do Campo - 1596).

primeira (12x0,183=2,2m). Ambas eram pois apelidadas de «do concelho» (conforme as terras em que se aplicavam estavam situadas dentro do termo desta ou daquela vila, que adoptava uma ou outra) e tinham o mesmo tamanho, embora fossem medidas de maneira diversa.

Figura 3*Múltiplos e submúltiplos do sistema de craveira*

Astil	1				
Braça	2,5	1			
Vara	5	2	1		
Côvado	8,33	3,33	1,66	1	
Palmo	25	10	5	3	1

Figura 4*Múltiplos e submúltiplos do sistema de medir pano*

Lenço	1					
Bragal	2	1				
Braça	7	3,5	1			
Vara	14	7	2	1		
Côvado	23,33	11,66	3,33	1,66	1	
Palmo	70	35	10	5	3	1

Deve-se notar que os trabalhos de metrologia histórica de A. H. de Oliveira Marques²³ e Mário Jorge Barroca²⁴ não destringem os sistemas de craveira e de medir pano. Tanto assim que no artigo citado do primeiro destes autores o valor de 1,82 m atribuído à braça é o múltiplo da vara de medir pano, uma vez que a braça de craveira, múltiplo da vara de craveira, medirá 2,20 m. Quanto ao artigo "Medidas-padrão medievais portuguesas", a braça aí indicada é a braça de medir pano, a vara é a vara cra-

²³ "Pesos e medidas", cit., p. 68.

²⁴ Mário Jorge Barroca, "Medidas-padrão medievais portuguesas", cit., p. 55.

veira, a dita "meia braça" é a vara de medir pano, o côvado é o côvado de craveira, a dita "meia vara" é o côvado de medir pano e o palmo o palmo de craveira.

Naturalmente que estas não eram as únicas medidas lineares que se utilizavam. Por exemplo, em Santarém, nos prédios rústicos, os medidores podiam ter necessidade de recorrer à passada, para rematar uma medição²⁵, ou para estimar parcelas muito compridas, em que era mais prático improvisar um múltiplo, a corda, que se esticava várias vezes, como é o caso de uma vinha em Valada, medindo de longo 21 cordas de 13,5 braças a corda, ou seja, com mais de 0,6 km de comprimento²⁶.

Nota Final

No último número desta revista publiquei um trabalho intitulado "Considerações sobre o abastecimento de vinho a Lisboa provocadas pelo choro de uma dama antiga (1522)" (*Arquipélago. História*, Ponta Delgada, 2 (1997), pp. 417-433), onde a p. 424, nota 37, distingo entre os dois tipos de varas (de craveira e de medir pano), incluindo na p. 426 um quadro onde se efectuam algumas conversões. Houve no entanto um lapso, e em vez do valor 0,916 foi aplicado o valor 0,926, o que aproveitou para emendar aqui.

²⁵ ANTT, *Colegiada de Santa Iria de Santarém*, liv. 5, fl. 12v.: vinha medida por várias partes, numa das quais tem 4,5 astis mais uma «passada larga» (1474).

²⁶ ANTT, *Colegiada de S. Salvador de Santarém*, mç. 6, nº 202 - 1399. Frente aos rosários do campo de Toxe, confrontando com o limite do termo de Santarém, é referenciado em 1500 o casal torriense das Cordas, topónimo que talvez não seja alheio à forma das parcelas nesta área (idem, *Núcleo Antigo*, nº 275, fl. 14).

